

O Estado de S. Paulo

13/1/1985

Seis mil contra a PM

A violência domina Guariba, com 20 mil habitantes e a 50 quilômetros de Ribeirão Preto. Ontem, a exemplo do que havia acontecido no dia anterior em Sertãozinho, houve graves incidentes: durante todo o período da manhã, os seis mil cortadores de cana de Guariba em greve há cinco dias, revoltaram-se, entrando em choque com a Polícia Militar, que ocupa a cidade, numa verdadeira "guerra civil", com os bóias-frias armados com paus, pedras e fogos de artifícios, enfrentando dezenas de soldados, munidos de bombas de gás lacrimogênio, cassetetes, fuzis com balas de efeito moral. Os trabalhadores, o padre da cidade, dirigentes de sindicatos e da CUT—Central Única dos Trabalhadores —, organizadores da greve, foram violentamente espancados com cassetetes, quando participavam de um piquete dissolvido pela PM na vila João de Barro — habitada por cinco mil bóias-frias —, montado para impedir que os caminhões das destilarias da região levassem os trabalhadores rurais às lavouras de cana-de-açúcar. Os bóias-frias reagiram à intervenção policial, incendiando canaviais da usina Bonfim e depredando vários caminhões e ônibus que passavam na bloqueada estrada de acesso ao município em conflito. A situação torna-se incontrolável na maior região canavieira do País (produzindo 27 milhões de sacas de açúcar e 1,6 bilhão de litros de álcool).

O tumulto na região canavieira de Ribeirão Preto começou durante a madrugada, depois que a PM, com centenas de soldados, decidiu permitir que o trabalho fosse normalizado nas fazendas das 21 destilarias da área, dissolvendo os piquetes instalados pelos 30 mil grevistas da região (Guariba, Jaboticabal, Sertãozinho, Barrinha, São Joaquim da Barra e Monte Alto). Ao tentar desobstruir a estrada que liga Guariba às usinas, por volta das seis horas da manhã, pelotões de choques da PM foram recebidos com pedras no Jardim João de Barro, onde reside a população marginalizada da cidade — calcula-se a existência de dois mil bóias-frias sem emprego nas usinas de cana.

O local foi transformado então numa praça de guerra. Os soldados espancaram dezenas de grevistas, todos marcados por visíveis hematomas. Da ação policial, não foi poupado o padre Braguetto, da Comissão Pastoral da Terra da diocese da região, que promete entrar com uma representação na Justiça contra a PM e denunciar as agressões sofridas.

Também os líderes grevistas, como o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e presidente do PT em Guariba, José de Fátima, o secretário geral da CUT, Oswaldo Vargas, foram violentamente espancados. Vargas mostrava-se perplexo diante da violência policial: "É mais intensa do que a repressão que sofremos no ABC durante a greve dos metalúrgicos, no tempo do ex-governador Paulo Maluf. O governador Montoro, que na greve dos metalúrgicos em 80 era senador e repudiou energicamente a ação da Polícia, agora faz pior contra os trabalhadores rurais de Guariba". A CUT está presente na greve dos canavieiros através de vários militantes do PT do Estado de São Paulo (três deles, inclusive a médica Maria do Socorro Albuquerque Matos, foram detidos e fichados sob a acusação de estarem infiltrados no movimento dos cortadores de cana).

(Página 22)